



Frankenstein e as contradições da modernidade

Frankenstein and the contradictions of modernity

Michel Goulart da Silva¹

Resumo: Neste ensaio discute-se o romance “Frankenstein”, escrito por Mary Shelley, a partir das representações das contradições sociais que são expressas em suas páginas. Procura-se mostrar de que forma a obra, vinculada à escola romântica, se insere numa perspectiva crítica acerca da modernização pela qual passava a Europa no começo do século XX. Ademais, situa-se o romance de Mary Shelley em diálogo com outras produções literárias, anteriores e contemporâneas.

Palavras-chave: Frankenstein; Modernidade; Romantismo.

Abstract: This essay discusses the novel "Frankenstein", written by Mary Shelley, from the representations of the social contradictions that are expressed in its pages. It seeks to show how the work, linked to the romantic school, is inserted in a critical perspective on the modernization through which Europe passed in the beginning of the nineteenth century. In addition, the romance of Mary Shelley is in dialogue with other literary productions, previous and contemporary..

Keywords: Frankenstein; Modernidade; Romantismo.

Certa vez, Karl Marx e Friedrich Engels se referiram ao capitalismo como um “feiticeiro que já não pode controlar os poderes infernais que invocou” (ENGELS & MARX, 2005, p. 45). Os filósofos alemães faziam menção à contradição, de um lado, entre as profundas transformações que a sociedade burguesa impunha aos diversos países da Europa e sua extensão para outras regiões do globo e, do outro, à situação de exploração e miséria que essas mesmas transformações provocavam. Para Marx e Engels, seria produto dessa contradição, a partir do desenvolvimento de uma consciência no proletariado e da dinâmica da própria luta entre as classes, um processo revolucionário semelhante àquele que havia posto fim às relações de produção feudais. Em função dessas contradições, o “feiticeiro” não apenas perdera o controle sobre os poderes invocados como produzira seus próprios “coveiros” (ENGELS & MARX, 2005, p. 51).

Décadas antes, a criatura do cientista Victor Frankenstein, procurando compreender a “ciência das palavras”, se dedicava a ler atentamente, entre outros livros, a obra mais famosa do poeta inglês John Milton, o *Paraíso Perdido*, escrita em 1667 (SHELLEY, 2003, p. 124). No poema, embora sejam descritas as belezas das criações divinas, narra-se a queda de Satanás e do homem. Nessa história, narra-se como tão belas

¹ Doutor em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Realizou estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Atua no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense (IFC).

criações de Deus não saberiam como usar o livre arbítrio que a divindade lhes dera. Diante da condenação do seu pecado, Adão e Eva, ajoelhados,

confessaram humildemente a sua falta e imploraram perdão, banhando a terra com as suas lágrimas e enchendo o ar com os seus suspiros, saídos de corações contritos, em sinal de profunda humilhação e de sincero pesar (MILTON, [s/d.], p. 226).

Foi justamente essa imagem de um Deus que não perdoa os atos de sua criação o que mais chamou a atenção da criatura de Victor Frankenstein. Criação humana que fugiu ao controle do seu criador, o “monstro” de Frankenstein, lendo o poema de Milton, sente despertar dentro de si “todo o espanto e o assombro que a imagem de um Deus onipotente em guerra com suas criaturas poderia provocar” (SHELLEY, 2003, p. 145).

Seu criador, o cientista Victor Frankenstein, procurava superar sua simples condição de humano, colocando-se ombro a ombro com um Deus criador. Não precisava fazer invocações diabólicas para conquistar seus objetivos, como o fez Fausto, mas poderia apelar à racionalidade da Ciência, enquanto homem do século XIX. Nessa questão, *Frankenstein* alude explicitamente a Prometeu, titã da mitologia grega, que “roubou o fogo (...), precioso fator das criações do gênio, para transmiti-lo aos mortais” (ÉSQUILO, [s/d.], p. 113). Como punição, Prometeu foi acorrenta “ao cume de uma montanha no Cáucaso, permitindo que uma águia todos os dias devorasse o fígado do herói, pedaço a pedaço, que de dia voltava a crescer para prolongar seu castigo” (FLORESCU, 1998, p. 190).

Frankenstein se coloca abertamente como um Deus, quando reivindica ter descoberto o segredo da vida: “depois de dias e noite de labuta árdua e fadiga incrível, eu conseguira descobrir a causa da reprodução humana e da vida; mais, muito mais: eu me tornara capaz de dar vida à matéria inerte” (SHELLEY, 2003, p. 60). Contudo, como havia acontecido com Prometeu, Frankenstein também seria punido por sua descoberta.

Mary Shelley, autora de *Frankenstein*, filha de William Godwin e de Mary Wollstonecraft, nasceu em Londres, em agosto de 1797, e morreu na mesma cidade, em fevereiro de 1851. Casou-se com o poeta Percy Shelley em 1816, depois que a primeira esposa deste se suicidou. O romance *Frankenstein* foi publicado pela primeira vez em 1818. Essa edição não continha o nome da autora, mas apenas um prefácio escrito por Percy Shelley e uma dedicatória a William Godwin. Embora tenha recebido críticas desfavoráveis, o romance obteve grande sucesso de público. Um dos motivos de sua popularidade se deveu à adaptações para o teatro, além da tradução para o francês. Uma segunda edição foi publicada em 1823, desta vez assinada por Mary Shelley.

O romance é narrado por meio de cartas escritas pelo capitão Walton para sua irmã, enquanto está no comando de uma expedição náutica que busca encontrar uma passagem para o Pólo Norte. Durante a expedição, Walton encontra um Victor Frankenstein moribundo, que, recolhido ao navio, narra sua história ao capitão.

Victor Frankenstein era filho de um aristocrata suíço. Passou a infância em Genebra, onde viveu com Elizabeth, criada como irmã adotiva, e Henry Clerval, seu melhor

amigo. O jovem interessava-se pelas ciências naturais e acabou estudando livros de alguns alquimistas, em especial Cornélio Agripa. Seus pais o enviaram para estudar na Universidade de Ingolstadt, na Alemanha, aos dezessete anos. Na universidade logo Frankenstein procurou seus futuros professores, que condenaram o tempo de estudo dedicado aos alquimistas, apresentando-lhe as mais “modernas” pesquisas em ciências naturais.

O jovem cientista empenhou seus esforços para descobrir os mistérios da criação, dedicando-se aos estudos de forma febril e sacrificando inclusive a relação com a família e a própria saúde. Estava em busca do segredo da geração da vida. Depois de dois anos, quando finalmente conseguiu criar algo como um ser humano, enojou-se com sua criação, abandonando-a. “Era algo que eu desejava com um ardor que excedia em muito qualquer moderação; mas agora que tinha terminado, a beleza do sonho se desvanecera, e horror e desgosto sufocantes enchiam meu coração” (SHELLEY, 2003, p. 65).

Encontrado pelo amigo Clerval, que também fora a Ingolstadt estudar, Frankenstein, exausto, sucumbiu à febre, sendo assistido pelo amigo nos meses seguintes. Frankenstein retornou para casa depois de receber carta do pai relatando o assassinato de William, seu irmão mais novo. Logo que chegou a Genebra viu sua criatura vagando pelos arredores da cidade.

O jovem cientista foi informado que Justine, criada de grande estima da família, era acusada do crime, pois havia sido encontrada com ela a jóia que o menino levava antes de ser assassinado. Mas Frankenstein estava convencido de que Justine era inocente e que o verdadeiro culpado era a sua criatura. Mas as evidências contra Justine eram muito fortes, sendo condenada à morte e executada. Frankenstein passa a se sentir culpado pelo assassinato do irmão e pela condenação de Justine. O segredo e a culpa passam a lhe atormentar o espírito: “eu, o verdadeiro assassino, sentia vivo em minhas entranhas o verme imortal do remorso, a não me conceder nem esperança, nem consolo” (SHELLEY, 2003, p. 98-9).

Dias depois, durante a escalada de um monte, Frankenstein encontra a criatura. Esta narra como fugiu do laboratório para uma floresta próxima, onde aprendeu a comer frutas e vegetais, e a usar o fogo. Mas, quando encontrava seres humanos, sempre era escorraçado e agredido. Escondeu-se no depósito de lenha anexo a uma cabana, onde ficava observando, por meio de frestas na parede, o cotidiano de uma família pobre de ex-nobres, afeiçoando-se a eles e ajudando-os em segredo. Também aprendeu a língua e a escrita, espionando as aulas que davam à noiva árabe do irmão. E encontrou livros, entre os quais o *Paraíso Perdido*.

Passado algum tempo, tomou coragem para se apresentar à família, conseguindo conversar e conquistar a simpatia do pai cego. Mas, quando os filhos viram a criatura junto ao pai, escorraçam-na. Depois desses fatos e de outros contatos infrutíferos com humanos, chegando a ser ferido com um tiro depois de ter salvado uma criança que se afogava, a criatura torna-se amargurada em relação aos seres humanos. Diz a criatura:

Minha alma irradiava amor e humanidade; mas estou condenado à solidão, a uma miserável solidão! (...) Se a humanidade inteira soubesse de minha existência, faria como tu, se armaria para me destruir. Por que não deveria eu odiar aqueles que me detestam? Não posso dar

trégua a meus inimigos. Sou um infeliz, e eles devem compartilhar minha miséria (SHELLEY, 2003, p. 113).

Por fim, a criatura narra para Frankenstein sua chegada a Genebra, como encontrou e matou William e como incriminou Justine.

Terminada a história, a criatura exigiu de Frankenstein a promessa de que o cientista criasse uma noiva para ele. Se assim o fizesse, a criatura deixaria a humanidade em paz e iria viver com a sua noiva longe dali. Frankenstein concordou com o pedido. Mas, antes disso, tornou-se noivo de Elizabeth, e, depois, partiu com Clerval para a Inglaterra, a fim de cumprir a promessa que fizera à criatura.

Na Grã-Bretanha, Frankenstein, isolado em uma ilha, começou a construir a fêmea, mas, temendo criar uma raça de monstros, destruiu a criatura incompleta. Jurando vingança, a criatura assassinou Clerval. Frankenstein chegou a ser acusado do crime, mas foi inocentado por possuir um forte álibi. Retornou à Suíça. Mesmo perseguido pela culpa e pela tristeza, Frankenstein casa-se com Elizabeth. Na noite de núpcias, ficou vigiando a casa, temendo um ataque da criatura. Mesmo assim, Elizabeth foi estrangulada e morta pela criatura. Frankenstein passou a perseguir sua criatura, indo parar, na longa caçada, nos mares congelados do norte, onde foram avistados pelo capitão Walton.

O livro *Frankenstein* mostra uma profunda crítica àquele mundo que se construía na Europa do século XIX. O romantismo de Mary Shelley não é uma crítica social como aquela produzida por Charles Dickens. Mas também possui como marca um profundo pessimismo em relação ao mundo de sonhos que o “feiticeiro” prometia para todos. Mary Shelley se aproxima, em função do tom nostálgico quanto à vida no campo, de Emily Brontë, autora de *O morro dos ventos uivantes*. Essas escritoras do romantismo inglês também se aproximam em função da profunda desconfiança que ambas nutrem em relação às vantagens apregoadas pelo mundo trazido pela modernidade, marcado por rápidas transformações, mas também por incertezas. Contudo, as duas escritoras se afastam tanto pela dura crítica que Mary Shelley faz às monarquias e governantes como pela simpatia que expressa pelos camponeses pobres, aproximando-se do *anticapitalismo romântico* da época.²

Outro aspecto que mostra certa crítica ao capitalismo passa pela percepção da autora acerca do campo e de seus moradores, denotando certa influência da filosofia de Jean-Jaques Rousseau, especialmente do seu conceito de “homem natural”. Em sua descrição do monstro, descreve como ele penetrou na floresta para viver de frutas silvestres e da água das fontes, se deliciando com o cantar dos pássaros e com a visão da lua e das estrelas, ainda que não soubesse o que era tudo aquilo. Embora o monstro tenha conhecido o mundo como homem feito, suas reações ao ambiente e às pessoas tiveram muito de criança, sendo ele ainda delicado e bom. Percebe-se que foram seus contatos com a sociedade que o corromperam. Como os heróis dos livros de Rousseau,

² Segundo Löwy (1990, p. 36), “a característica essencial do anticapitalismo romântico é uma crítica radical à moderna civilização industrial (...) em nome de certos valores sociais e culturais pré-capitalistas”. Esse aspecto da obra fica evidente, por exemplo, em uma carta da personagem Elizabeth a Frankenstein (SHELLEY, 2003, p. 73-6).

inicialmente o monstro confiava no seu coração e não na razão (FLORESCU, 1998, p. 157).

Em *Frankenstein* a crítica se volta especificamente para o otimismo exagerado na Ciência. No contexto em que Mary Shelley escreveu seu livro, começou a ganhar destaque, por exemplo, o uso da eletricidade na medicina, como se verifica também na obra do estadunidense Edgar Allan Poe.³ Todas as conquistas das diferentes ciências naturais poderiam ser uma ferramenta para o progresso e a transformação radical do mundo e da humanidade. Um dos professores de Frankenstein afirma que os “antigos mestres (...) prometiam impossibilidades e nada produziam”, ao contrário dos “mestres atuais”, “cujas mãos parecem apenas remexer com poeira, e que parecem não tirar os olhos do microscópio ou do cadinho”, mas que “produziram de fato milagres” (SHELLEY, 2003, p. 54). O “feiticeiro” tinha à sua disposição as mais variadas “magias” para mudar a realidade ao seu redor.

O “feiticeiro” queria não apenas fazer “magias”, mas também queria ser Criador. Os homens acreditavam poder, com a Ciência, transformar a vida e o mundo como o fazia o Deus em que acreditavam. Esse é o ímpeto que faz Frankenstein dar vida à sua criatura. Se a divindade poderia criar a vida, também a Ciência poderia fazê-lo. Diz Frankenstein: “tanto já se fez [em ciência]”, mas “mais, muito mais eu realizarei; seguindo as pegadas já existentes, serei pioneiro num novo caminho, explorarei poderes desconhecidos, e desvelarei para o mundo os mistérios mais profundos da criação” (SHELLEY, 2003, p. 54). Mas o domínio sobre qualquer coisa, que os métodos científicos supostamente permitem, não previam a possibilidade de erros. No seu planejamento racional do processo de criação, Frankenstein não previa que sua criatura poderia ser um “monstro”, um ser por ele considerado feio e imperfeito. Frankenstein, quando voltou a encontrar sua criação, a chamou de “demônio”, “abominável figura”, “criatura vil e desprezível” (SHELLEY, 2003, p. 112).

Os “poderes infernais que invocou” saíram do controle de Frankenstein e sua atitude foi a de fugir. Não tinha como controlar sua própria criatura e não queria ver a face horrenda dela. “Quando já estava bastante saudável, bastava, entretanto, ver um instrumento químico para que toda a agonia de meus sintomas nervosos se renovasse” (SHELLEY, 2003, p. 77). Sua ciência falhara e a única ação possível era fugir, fugir para muito longe, até onde não precisasse encarar seu próprio erro. Seu engano, no ato de criação, foi iludir-se que o domínio de métodos e fórmulas químicas poderia significar o controle sobre a natureza. Em seu otimismo exagerado, depois do erro que o faz acreditar que poderia controlar a vida e a natureza em seu todo, o homem não é capaz de olhar de frente seu próprio erro.

Em *Frankenstein* a autora manifestou uma crítica pessimista à sociedade que se consolidava na Europa de inícios do século XIX. Ela se mostra bastante cética em relação às promessas de progresso que são feitas, que apontam para uma utopia onde o homem poderia realizar qualquer coisa, se utilizasse a razão. Mas a ciência, uma das ferramentas da Razão para alcançar o mundo novo e grandioso que se avizinhava, se mostrava uma força perigosa, se o homem não soubesse utilizá-la de forma ponderada. O próprio Frankenstein reflete:

³ Um dos textos de Edgar Allan Poe neste âmbito é “O caso do Sr. Valdemar”, em Poe (2000, p. 99-104).

Um ser humano, se quiser a perfeição, deve sempre preservar a mente calma e tranqüila e nunca permitir que a paixão ou um desejo transitório perturbem sua paz. Não acho que a busca do conhecimento seja uma exceção a essa regra. Se os estudos aos quais você se aplica têm uma tendência a atenuar suas afeições e a arruinar o gosto pelos prazeres simples aos quais mal algum se mistura, com certeza esses estudos são ilegítimos, ou seja, não são dignos da mente humana (SHELLEY, 2003, p. 63).

Para Mary Shelley, o homem atribuía à Ciência propriedades exageradas, como se pudesse com ela controlar a natureza e mesmo se colocar como uma espécie de deus criador, que tudo pode controlar.

Em *Frankenstein* temos a imagem do homem como um feiticeiro que perde o controle dos poderes infernais invocados. Seus poderes são os métodos da Ciência, que acredita dominar, mas que não sabe controlar. O homem se torna seu próprio coveiro. Em seu otimismo exagerado, tudo criando, criou as condições para sua própria destruição.

Bibliografia

- ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. **Manifesto comunista**. São Paulo: Boitempo, 2005.
- ÉSQUILO. Prometeu acorrentado. In: SÓFOCLES; ÉSQUILO. **Rei Édipo. Antígone. Prometeu acorrentado**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, [s/d.].
- FLORESCU, Radu. **Em busca de Frankenstein: o monstro de Mary Shelley e seus mitos**. São Paulo: Mercuryo, 1998.
- LÖWY, Michel. **Romantismo e messianismo: ensaios sobre Lukács e Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva: EDUSP, 1990.
- MILTON, John. **O Paraíso Perdido**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, [s/d.].
- POE, Edgar Allan. **Poesia e prosa: obras escolhidas**. 2ª ed. São Paulo: Ediouro, 2000.
- SHELLEY, Mary. **Frankenstein**. São Paulo: Ática, 2003.